



LACAN E HEIDEGGER: A FENOMENOLOGIA DO VAGO E DO VAZIO A PARTIR DO OBJETO PERDIDO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

LACAN AND HEIDEGGER: THE PHENOMENOLOGY OF THE VAGUE AND THE VOID BASED ON THE LOST OBJECT IN PSYCHOANALYTIC CLINICS

DOI: 10.5281/zenodo.15634720



Fábio Liborio Rocha¹
Luiz Claudio Hipolito Valeriano²

Resumo:

Nossa proposta neste artigo intenciona explicar a fenomenologia da perda do objeto como sintoma, devendo não ser interpretado em princípio como ordem patológica, pois é um deslocamento de seu significante. O sintoma em Lacan atende como suporte metodológico fenomenológico de nossa tese acerca do colapso da autoestima onde a análise ontológica de Heidegger e seu diagnóstico do Ser. A rigor, observamos como uma manifestação do vago e do vazio, ou seja, é um lugar cheio de significado no entendimento de Lacan, ao mesmo tempo que é uma localização do nada em Heidegger, como ausência do Outro, em ambas as teorias. O objeto perdido atua tanto no cliente quanto no terapeuta e então se instala uma crise existencial e epistemológica a um só tempo, pois a verdade na vida da pessoa é a causa de seu próprio sofrimento. O mundo do desejo não é exatamente o mundo do Ser, pois o Ego, é exatamente a ruptura com o Ser, pelo princípio de individuação. A psicanálise não é portanto, uma experiência apenas topológica, ou linguística, mas é a clínica da dor psíquica.

Palavras chave: Lacan; Heidegger; Fenomenologia; clínica psicanalítica.

- 1 Pós-doutor, Pesquisador Associado do Observatório Brasileiro de hábitos alimentares - OBHA, Fundação Oswaldo Cruz de Brasília. Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9888-1077> E-mail: liborio.fabio@gmail.com
- 2 Doutor em Saúde Pública, Mestre em Educação, Docente da Faculdade do Futuro Manhuaçu, MG Brasil. Email: PhD.claudio@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7886898027926769>
<https://orcid.org/0000-0002-0803-1683>





Abstract:

Our proposal in this article intends to explain the phenomenology of the loss of the object as a symptom, and should not be interpreted in principle as a pathological order, since it is a displacement of its signifier. The symptom in Lacan serves as a phenomenological methodological support for our thesis about the collapse of self-esteem where Heidegger's ontological analysis and his diagnosis of Being. Strictly speaking, we observe it as a manifestation of the vague and the void, that is, it is a place full of meaning in Lacan's understanding, at the same time that it is a location of nothingness in Heidegger, as the absence of the Other, in both theories. The lost object acts on both the client and the therapist and then an existential and epistemological crisis sets in at the same time, because the truth in the person's life is the cause of his own suffering. The world of desire is not exactly the world of Being, because the Ego is exactly the rupture with the Being, by the principle of individuation. Psychoanalysis is therefore not only a topological or linguistic experience, but it is the clinic of psychic pain.

Keywords: Lacan; Heidegger; Phenomenology; psychoanalytic clinic.

Introdução

Toda Fenomenologia é existencial disse Sartre. Fenomenologia é a capacidade de observar o ser e existencialismo são os conflitos que afligem tal Ser, Pessoal. Dito isso continuamos nossas considerações. Não podemos por nosso outro lado sombra ao desvincular o Eu do mundo de outros seres pensantes em sociedade. O Eu é independente e subsistente, inclusive de si mesmo, mesmo quando dependente, já diziam Heidegger e Husserl. Este é o objeto perdido do Humanismo, Existencialismo e da Fenomenologia. Ser humanista é permitir total liberdade para que o Eu se torne uma pessoa, como dizia Rogers. Veremos neste módulo que há muita semelhança na filosofia humanista e na psicologia humanista. Assim sendo, Humanismo, Existencialismo e da Fenomenologia, são estudos do Ser na filosofia, do Dasein, e da Pessoa e do Eu na Psicologia.

De outro modo também sabemos que o Eu não é idêntico a outros seres, e nem a si mesmo. Paradoxal? Sim, é o que veremos. O eu em sentido puro, kantiano, se encontra acompanhado do vazio de Sartre, da falta de sentido, o nada de Sartre. O nada, o vazio interior é a angústia, é a demanda do paciente, da pessoa como disse Rogers. O Eu, Ego ou Ser, acompanha o vazio e este não o ajuda a ter experiências genuínas da Pessoa, adequadas ao seu Ego, inadequadas ao papel de si mesmo. A pessoa diz: “Eu experimento a mim mesmo, mas





eu tenho a mim mesmo?” Quando se dá uma resposta negativa a essa questão existencial, nasce um luto de uma perda. Quanto ao empobrecimento e esvaziamento do mundo da pessoa devido à falta do objeto perdido, surge uma indagação de Lacan (2016).

O que é a incorporação do objeto perdido senão o nada sartriano? Por não estar articulada adequadamente, a questão permanece em estudo do vago, o que explica a interrupção de toda a especulação numa via não obstante aberta por Freud no que se refere a perda do objeto. É essa resposta que iremos pensar neste artigo, diante do dilema que está posto por uma sociedade da indiferença e competitiva, qual aumenta a pressão no indivíduo por elaborações de culpa ou absolvição e por isso, de deslocamentos provisórios, um pensamento nômade.

1. Teorias e Metodologias

Em termos teóricos nos socorremos das teorias freudianas do psicanalista e médico inglês Donald Winnicott (2019), qual formulara o conceito de desenvolvimento emocional primitivo, cujos efeitos, segundo ele, são de importância crucial para o indivíduo por se estenderem para além da infância. Muitos problemas da fase adulta estariam vinculados a disfunções ocorridas entre a criança e o ambiente. O precursor do espelho é o rosto da mãe, e ele quis nos alertar que o ambiente e seus objetos primordiais, família, casa, mãe, aconchego, serão fundamentais para o surgimento de uma pessoa não-violenta.

Percebemos inicialmente que o que estamos a chamar de “vago” e “vazio”, é o próprio sintoma que causará uma ruptura do ego, sendo ainda o que Winnicott (2019) nomeou como desintegração: o objeto inicial perdido. Tal integração era necessária para a saúde mental, pois a criança nasce desintegrada e irá comumente se integrando aos poucos, se personificando no começo da fase adulta. Antes de se personificar, entretanto, sem um ego formado, o nada, a náusea, o vazio, o buraco de Sartre começam gradualmente em paralelo a se instalar. Na verdade, nem fenômeno, nem o patológico podem explicar o sujeito; tudo se passa na queixa inicial, na conversa, nos adjetivos, na dor expressa em palavras, sim, na linguística. Ponty



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



(1991, p.273) nos explica tal fenomenologia da percepção: “A significação anima a palavra como a palavra anima meu corpo (...). A intenção significativa em mim não, é, no momento em que ocorre, senão um vazio determinado a ser preenchido por palavras”.

Em ato contínuo, se desestrutura a pessoa em deprivação, acionando um gatilho para uma posição psicótica, por causa da ausência de gozo. Devemos, contudo, definir uma psicose, segundo a teoria freudiana. Psicose, é também a não-realização de um desejo infantil eternamente indômito. Essa frustração vem sempre em última análise de fora, ou seja, dos Outros lacanianos, dentro de um princípio de realidade. Tudo se passa no investimento das representações de palavra, restaurando uma cura entre o eu e o mundo externo, um apagamento, uma mentira como vemos em Kaufmann (1996, pp.366-368). A psicanalista Dolto afirmou, em Dolto e Nasio (1991, p.15) por exemplo:

“Eu creio que o que chamamos de psicose é, muitas vezes, a fobia. Nós chamamos de psicose um conjunto de processos de defesa para tentar não sofrer do perigo grave que significaria a perda do laço I-ma-je (“*ici-moi-je*”) e meu corpo. No início da vida, perto do lugar de reunião das pulsões de vida, nas origens da vida no espaço do corpo, há o perigo da dissociação. Eu creio que é este perigo que está na origem dos ditos psicóticos.”

Entretanto, a pessoa parece ter pouco interesse em tudo. não é proativa. Isso é exatamente um papel que corrobora nossa tese da psicose. Nas psicoses crônicas ela parece com afraça resistência do investimento do objeto, após seu recolhimento no ego, tendo se tornado imprópria para um investimento em objetos reais. De certa forma, a ausência paterna perante o materno, quadro da sociedade atual, associados a uma relação díade patológica de dependência materna contribuem para este quadro psicopatológico. Mas devemos observar o que Freud (1976, p.302) disse da psicose:

“Nas primeiras (histeria e neurose obsessiva), o sujeito tem à sua disposição uma quantidade de libido que se esforça por ser transferida para objetos externos, fazendo-se uso disso para levar a cabo o tratamento analítico; por outro lado, os distúrbios narcísicos (demência precoce, paranoia, melancolia) caracterizam-se por uma

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





retirada da libido dos objetos e, assim, raramente são acessíveis à terapia analítica. Sua inacessibilidade terapêutica, contudo, não impediu a análise de efetuar os mais fecundos começos do estudo mais profundo dessas moléstias, que se contam entre as psicoses”.

Pensamos que a recusa, o contorno do prazer deslocado em objetos de fantasma, fermentam agressividade como reativa e necessária como mascarada. A criança interna, deslocada para a negação com o ato do brincar, impedindo o lúdico, o sonho, pelo trauma. Se instala aqui, a exacerbação do excesso de real do psicótico. A depressão é um estado ainda mais comum, segundo Tavares (2010, p.90):

“Nessa rede de dispositivos pela qual o sujeito é atravessado, encontramos como pano de fundo existencial uma configuração sócio-político-cultural espetacular. Como seu fruto direto e imediato, vivenciamos a dita transvaloração do sofrimento em dor e, por fim, uma “culpabilização” do sujeito devido aos infortúnios que este vivencia, ainda que tais infortúnios provejam de condições sociais favoráveis também em outras circunstâncias alheias às possibilidades desse sujeito”.

Temos aqui um novo dilema. Não podemos transferir para o cliente nossas crenças pessoais, nenhum sentido universalista para uma orientação que é individual e, portanto, voltada pelos valores de uma tradição comunitária particular, mesmo sob o pressuposto de pertencimento.

2. Este “Dasein” é o Ser mesmo?

Quando uma necessidade é satisfeita, então é substituída por outra. O que estamos a chamar de ser é em verdade um catalizador de desejos às miríades. Husserl pensava que se este "algo de si" fosse retirado, seria uma tipologia do eu-sou, com o qual minha consciência se identifica quando me refiro a minha pessoa como presença. Se retiramos o eu-sou, estamos a tentar retirar e o que é a consciência da minha presença, passaria a perceber no lugar do eu sou o não-sou, ou minha ausência, e procuraria na presença dos outros o eu-sou que não sou eu para tornar-me a ser com os outros como necessidade para superar? Boas reflexões que nos



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



levam de volta a fenomenologia e ao existencialismo. Como a pessoa é um Ser fenomenológico, mas em seu universo de repetição (patológico). não se situa apenas em um corpo, mas sim na linguagem como é natural, como constructo ao tempo em que é uma gramática do próprio corpo, para além dele, para forjar um controle que sabemos, segundo Lacan, ninguém têm. Mediante a suspensão, a consciência fenomenológica pode ater-se ao dado enquanto tal e descrevê-lo na sua pureza. O dado não é, na fenomenologia de Husserl, o mesmo que na filosofia transcendental, um material que se organiza mediante formas de intuições e categorias. A tarefa da fenomenologia é investigar, sobretudo, a significação das vivências da consciência, levando em consideração o conceito de intencionalidade. O método fenomenológico consiste em examinar todos os conteúdos de consciência, mas em vez de determinar se tais conteúdos são reais ou irrealis, ideais, imaginários, etc. Sendo assim, procede-se a examiná-los, enquanto são puramente dados. Mediante a suspensão, a consciência fenomenológica pode ater-se ao dado enquanto tal e descrevê-lo na sua pureza. O dado não é, na fenomenologia de Husserl, o mesmo que na filosofia transcendental, um material que se organiza mediante formas de intuição e categorias. Não é, tão pouco, qualquer coisa de empírico ou dos dados dos sentidos. O dado é a correlação da consciência intencional. Não há conteúdos de consciência, mas unicamente fenômenos. A fenomenologia é uma pura descrição do que se mostra por si mesmo de acordo com “o princípio dos princípios”: reconhecer que “toda a intuição primordial é uma fonte legítima de conhecimento, que simplesmente como o que se oferece e tal como se oferece, embora apenas dentro dos limites nos quais se apresenta.

Em Heidegger, o que aqui nos importa, o importante foi sublinhar o que é próprio desta existência não aquilo que já no homem é, mas o seu poder de ser. A fenomenologia não pressupõe o nada: nem o mundo natural, nem o sentido comum, nem as proposições da ciência. Coloca-se as coisas no mundo e não precisam ser perfeitas; o objeto real só existe na pessoa em conjunto com seus fantasmas. O sujeito procura um Grande Outro-Mestre para que sua Vontade seja feita. Quando se perde o objeto-a, o analisando aparece, fora da fantasia. O

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



sujeito assim não é separado, mas ele existe independente do objeto perdido (um amor, etc.) e pode então seguir a uma vida produtiva e prazerosa.

A evidência patológica que se une no mesmo termo explica definitivamente os "fenômenos", embora também tenhamos que admitir que os comportamentos humanos não podem ser qualificados como certo ou errado, inteligente ou irracional, do binarismo da teoria do normal e do patológico segundo nos lembra o Canguilhem (2009, p.44):

“Como não existem fatos psíquicos elementares separáveis, não se podem comparar os sintomas patológicos com elementos da consciência normal, porque um sintoma só tem sentido patológico no seu contexto clínico que exprime uma perturbação global”.

A fenomenologia seria, portanto, o lado sombra do Jung, que pode ser observado na fala repetitiva do paciente da análise, aquilo que não se pode remediar, mitigar sob o perigo de perdê-lo por completo na fuga. O psicanalista não pode introjetar modelos enrijecidos teóricos para compreender aspectos por vezes bizarros do paciente. Terminamos nossa reflexão com essa fala de Quinet (2001, p.112):

“A subjetividade pode ser vista pela análise do real, da realidade, da imagem e do simbólico enquanto linguagem. Nesse sentido: O desejo do analista é um desejo para-além da fantasia, que não se sustenta em nada: ele é o lugar vazio que o analista oferece ao analisante, uma vaga para que aí possa se instalar o desejo do analisante como desejo do Outro”.

A subjetividade, contudo, somente pode ser vista pela análise do real de Lacan, da imagem e do simbólico enquanto linguagem. Nesse sentido a verdade do paciente só existe mesmo dentro de sua gramática individual, de sua queixa inicial. Há de fato uma crise epistemológica entre as terapias e ciências da saúde mental.

Chamamos de anti-filosofia um tema que possui como principal objetivo oferecer subsídios conceituais sobre as concepções filosóficas que ao longo da história influenciaram Lacan. Objetiva ainda possibilitar a reflexão crítica da expressão de desejo do grego (*ποῦεί*, isto é, deseja), que é antifilosófica, um requer algo, um nada e um vazio Reais. Esta percepção sobre Lacan foi vista na obra de Alemán (2003). Este filósofo italiano afirmava que a anti-filosofia de Lacan não desconstruiu a retórica, mas recorreu a linguagem, ao neologismo,

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





afirmando que na Filosofia não existe uma experiência de limite, ajudando assim uma inovadora experiência da análise.

Considerações finais

A prática clínica trata-se de um lugar de acolhimento, oferecido pelo analista dentro do setting psicanalítico, que permite que o vago e o vazio existencial, sejam compreendidos e ressignificados, ou seja, a clínica deveria ser um lugar cheio de significados e com a ausência do nada. Inicialmente, sabemos que esse estado ideal nos escapa, pois o lugar não está no consultório, está vago e vazio dentro da pessoa.

O trabalho da fala e da escuta permite reconstruir esse “eu” a presença do “outro”, esse “outro” introjetado em “mim”, como parte de “mim”. Esse “outro” não é aniquilado, pois, embora o “outro” não esteja mais presente, está vivo em “mim”. Portanto, a prática psicanalítica, realizada pelo terapeuta dentro do consultório, não pode ser vista somente como uma técnica, mas também como uma prática ética.

Assim, a posição do analista não deve ser a de detentor do saber (Mestre), pois isso interfere na reflexão do paciente quanto a si e ao outro e despreza a ética psicanalítica. Quando o setting terapêutico é visto com o simbolismo do mestre, o analista se coloca como dono do saber, impondo ao paciente (ao outro) aquilo que ele considera mais adequado. Avisamos em tempo que o símbolo desampara o sujeito colocando-o atrelado diretamente ao simbólico, num deslocamento desnecessário para a sua saúde mental.

Por fim, a reconstrução do sujeito suposto saber, exige esforço no sentido de compreender o quem (o que) foi perdido e o que se perdeu no que foi perdido. Se somos luz e sombra, como nos dizia Jung, somos meia-verdade, semi-dizer. Lacan, como fez em toda a sua obra, não teve a pretensão de eliminar a via individual de elaboração da pessoa, seja ele eudemonista ou não; a elaboração é individualista. O que Lacan no nosso entender visava, era uma denúncia visceral de como movimentos ideológicos, de uma ética de pretensão universal ou coletiva no sentido kantiano, demonizava o campo do individual. A subjetividade de todo



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



ser humano possuiria sua periculosidade particular e será neste Ser-aí que certas pretensões filosóficas tendem a combater tendências específicas ou autônomas do bem viver. Na psicanálise, monta-se uma estrutura que identifica uma nova leitura da realidade da pessoa. Com efeito, a dor, o amor e o pudor são fenômenos da vida subjetiva da pessoa, com elementos masoquistas, é bem verdade. O dilema da pessoa se encontra dificultado pois não alternativa ao amor, mesmo que você esteja a fazer do melhor dos deslocamentos.

Por esta razão, a existência autêntica que Sartre preconizava, não se entrega ao mundo e às suas vicissitudes, mas procura compreendê-lo na totalidade, é a outra situação afetiva fundamental, a angústia. Tem-se medo de algo que está dentro do mundo, que se aproxima ameaçadoramente e que pode ser removido, ao passo que a angústia só pode ser sentida diante do mundo como tal. Ela não é provocada, como o medo, por um fato particular ou por um acontecimento ameaçador, mas pelo simples estar no mundo. A conexão não é tão fácil de fazer." Em relação a psicanálise a Fenomenologia, é, no entanto, boa demais para ser sempre verdade. desejada pelo Outro, é preciso que a «falta» ou aquela que não tem nada a oferecer encontre uma referência no discurso do Outro, só assim é possível tolerar a própria falta, do objeto perdido, para além do Édipo.

Tal dilema aponta o isolamento radical da pessoa com sua 'situação limite', tida como hecatombe inexorável e inconciliável com a vida boa, quando na verdade, a crise é a própria libertação do dilema do cliente. Essa inevitabilidade de pertencer a uma forma existencial, pouco importa se está determinada pela condição familiar, ideológica ou social. O "ser feliz", a orientação aristotélica de vida boa, será respondida pela intuição de Hegel que conferiu uma primazia à eticidade substancial histórica frente a qualquer subjetividade abstrata-formal. Esta última, não dará, portanto, uma resposta para a questão da vida boa, que a pessoa almeja. Isto talvez possa ser estendido ao conceito de 'imperativo categórico de Kant, pois a sociedade atual apresenta tal pluralidade cultural que o direito comum e as normas tem que dar alicerce para a coexistência pacífica das mesmas diferenças existenciais.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Referências bibliográficas

- Alemán, J. (2003). *L'antifilosofia di Jacques Lacan*. Vol. 9. Roma: Franco Angeli.
- Canguilhem, Georges (2009). *O normal e o patológico*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Dolto, Françoise e Nasio, J.-D. (1991). *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. *Além do Princípio de Prazer*. (1976) Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2016). *O desejo e sua interpretação*. (2a ed.). *O Seminário* (Vol. 6, p. 562). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Merleau-Ponty, M. (1991). *Signos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Quinet, A. (2001). *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Tavares, L.A.T. (2010). *A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Winnicott, Donald (2019). *W. Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 28/04/2025

Aprovado em: 15/05/2025

Publicado em: 10/06/2025

